

## LEVANTAMENTO FLORÍSTICO DE DOIS FRAGMENTOS DE MATA ATLÂNTICA DOS MUNICÍPIOS DE AMARGOSA

E ELÍSIO MEDRADO, BAHIA, BRASIL

MARIA AUXILIADORA DE ANDRADE COSTA<sup>1,2</sup> & MARIA LENISE SILVA GUEDES<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal da Bahia, Instituto de Biologia, Rua Barão de Geremoabo, s/n, Campus Universitário de

Ondina, 40171-970, Salvador, Bahia, Brasil (doramaria00@yahoo.com.br).

<sup>2</sup>Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Biomonitoramento, UFBA.

**(Levantamento florístico de dois fragmentos de Mata Atlântica dos municípios de Amargosa e Elísio Medrado,**

**Bahia, Brasil)** – A Mata Atlântica é composta por diversas formações vegetacionais e ocupa uma área em torno de

600.000 km<sup>2</sup>, o equivalente a cerca de 7% da superfície do Brasil. Estas áreas encontram-se bastante fragmentadas

devido à intensificação da pecuária, agricultura, expansão imobiliária etc. O presente estudo tem como objetivo fazer

o levantamento florístico da flora fanerogâmica em dois fragmentos de Floresta Estacional Semidecidual Submontana

localizados nos municípios de Elísio Medrado (12°56'45"S, 39°31'19"W) e Amargosa (13°1'48" S, 39°36'18" W)

no Estado da Bahia, Brasil. O trabalho de campo foi realizado no período de maio/2005 a abril/2006, com visitas

trimestrais para coleta de material botânico, que se encontra no acervo do Herbário Alexandre Leal Costa (ALCB).

Foram inventariadas 169 espécies, distribuídas em 121 gêneros e 48 famílias. No fragmento 1, as famílias que

apresentaram maior riqueza de espécies foram Fabaceae (13 spp.), Sapindaceae (9), Euphorbiaceae (6), Rubiaceae (6)

e Solanaceae (6); no fragmento 2, foram as famílias Fabaceae (17 spp.), Myrtaceae (9), Asteraceae (5), Malvaceae (5)

e Sapindaceae (5). *Machaerium condensatum* Kuhl. & Hoehne, coletada neste levantamento, é uma espécie com

poucas coletas no Estado. O Índice de Sørensen ( $S\phi = 0,21$ ) revelou que os fragmentos estudados apresentam baixa

similaridade florística, o que pode estar associado às condições edáficas e à pressão antrópica na região.

**Palavras-chave:** Diversidade, recôncavo baiano, floresta semidecídua.

**(Floristic survey of two Atlantic Forest fragments in the municipalities of Amargosa and Elísio Medrado, Bahia**

**State, Brazil)** – The Atlantic Forest, composed by diverse forest physiognomies, is placed in an area of about 600,000

km<sup>2</sup>, equivalent to almost 7% of the Brazilian surface. These areas are currently very fragmented due to stockbreeding

and agriculture intensification and because of real state expansion, etc. The goal of this study was to build a floristic

survey concerning phanerogamic flora in two fragments of the Submontane Seasonal Semideciduous Forest, located

in the Elísio Medrado (12°56'45"S, 39°31'19"W) and Amargosa (13°1'48"S, 39°36'18"W) Counties, in Bahia, Brazil.

The field work was carried out from May 2005 to April 2006, with quarterly visits to collect the botanic material,

which is deposited in the Alexandre Leal Costa Herbarium Collection (ALCB). One hundred sixty nine species were

found in the inventories, distributed in 121 genera and 48 families. In fragment 1, the families showing greater

species richness were Fabaceae (13 spp.), Sapindaceae (9), Euphorbiaceae (6), Rubiaceae (6) and Solanaceae (6); in

fragment 2, the families Fabaceae (17 spp.), Myrtaceae (9), Asteraceae (5), Malvaceae (5) and Sapindaceae (5).

*Machaerium condensatum* Kuhl. & Hoehne, collected in this survey, is a species with few samplings in the state of

Bahia. The Sørensen index ( $S\phi = 0.21$ ) revealed that the studied fragments showed low floristic similarity, which

might be associated to edaphic conditions and to anthropic pressure in the region.

**Key words:** Diversity, recôncavo baiano, semideciduous forest.

### INTRODUÇÃO

No Brasil, a Mata Atlântica está distribuída ao

longo da costa Leste, desde o Rio Grande do Sul até o Rio Grande do Norte. Do Rio Grande do Sul até o Espírito Santo, está sobre serras costeiras litorâneas que são formadas por rochas do complexo cristalino, compondo escarpas que favorecem variações no clima e na constituição e desenvolvimento do solo. Do Espírito Santo até o Rio Grande do Norte, a Mata Atlântica está sobre tabuleiros da formação Barreiras, que raramente atinge 200 m de altitude, enquanto no Sul da Bahia até o Norte do Rio de Janeiro ela ocorre nas escarpas da Serra do Mar (MANTOVANI, 2003). A Mata Atlântica da costa brasileira é um dos biomas mais ricos em diversidade biológica e mais ameaçado do planeta, sendo considerado um dos cinco mais importantes *hotspots* de biodiversidade (MYERS *et al.*, 2000). Dentre as Florestas Tropicais do mundo, é também uma das mais ameaçadas de extinção (REIS *et al.*, 1999), restando cerca de 5% a 7% da cobertura original, apresentando-se em fragmentos isolados que, provavelmente, não conseguem sustentar grandes populações de muitas espécies (PRIMACK & RODRIGUES, 2002; GUEDES *et al.*, 2005). No Sudeste brasileiro este bioma já atingiu um estágio muito avançado de fragmentação, dificultando a preservação e conservação de seus remanescentes florestais (CÂMARA, 1983; FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 2002; TABARELLI *et al.*, 2005; CARVALHO *et al.*, 2006). Segundo a FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA (2002), no Estado do Rio de Janeiro, por exemplo, esta floresta encontra-se atualmente reduzida a menos de 20% de sua cobertura original, sendo que a maioria dos seus remanescentes está em áreas montanhosas, inadequadas à agropecuária. No recôncavo Sul da Bahia, a vegetação de Mata Atlântica foi sendo removida desde a expansão do domínio

SITIENTIBUS SÉRIE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS 10(2-4): 207-216

207

[Vol. 10

208 SITIENTIBUS SÉRIE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS [Vol. 10

colonial, primeiramente nas baixadas e áreas planas para agricultura e habitação e, posteriormente, nas áreas de encosta menos íngremes utilizadas para fins agrícolas, em particular no ciclo do café e fumo entre os séculos XVIII e XIX. Desde o início e até meados do século XX, com a exploração de madeira, o plantio de diversas culturas de subsistência e a expansão da pecuária, as partes mais íngremes passaram a ser ocupadas e o que restou da Mata Atlântica encontra-se nos topos e encostas de algumas serras (NEVES, 2005).

Os remanescentes de Mata Atlântica do recôncavo Sul da Bahia vêm sendo estudados em termos florísticos e fitossociológicos por autores como QUEIROZ *et al.* (1996), NEVES (2005), SOBRINHO & QUEIROZ (2005) e VALENTE & PORTO (2006). Contudo, os estudos ainda são incipientes quando comparados à presença de vários remanescentes localizados em propriedades particulares que estão sujeitos a impactos antrópicos sem que tenham sido levantados quaisquer tipos de informações sobre suas comunidades vegetais.

O presente trabalho teve como objetivo realizar o levantamento florístico de dois fragmentos da Floresta Estacional Semidecidual do domínio Mata Atlântica, nos municípios de Elísio Medrado e Amargosa, recôncavo Sul da Bahia, contribuindo para o conhecimento da flora do

Estado e subsidiando decisões relacionadas à conservação deste bioma.

#### **METODOLOGIA**

Os fragmentos de mata estudados estão situados nos municípios de Elísio Medrado (12°56'45"S, 39°31'19"W) e Amargosa (13°1'48"S, 39°36'18"W), localizados numa altitude aproximada de 400 m e ocupam áreas de 199,54 km<sup>2</sup> e 435,93 km<sup>2</sup>, respectivamente (SEI, 2001). Os fragmentos são denominados de: "Mata do Pomar" – fragmento 1 (3,7 ha, altitude 287 m) em Elísio Medrado (Fig. 1D) e "Fazenda Acaju" – fragmento 2 (1,0 ha, altitude 357 m) em Amargosa (Fig. 1A). Os solos predominantes são os Latossolo Vermelho-Amarelo Distrófico e Podzólico Vermelho-Amarelo Distrófico, respectivamente. O fragmento 1 apresenta um trecho cultivado no sistema denominado "agro-ecossistema de cacau-cabruca". Ambos os fragmentos são circundados por pastagens.

A vegetação natural da região é Floresta Estacional Semidecidual Submontana que, segundo VELOSO & GOESFILHO (1982), encontra-se na latitude de 4° Norte até 16° Sul, numa faixa altimétrica que varia de 100 a 600 m. MORELLATO & HADDAD (2000) definiram que a Mata Atlântica é composta por dois tipos de formação vegetacional: a Floresta Ombrófila e a Floresta Semidecidual. OLIVEIRA-FILHO & FONTES (2000) verificaram que os dados de padrão de distribuição e similaridade do componente arbóreo permitem incluir as fisionomias estacionais dentro do Domínio da Floresta Atlântica *sensu lato*, sendo o padrão de diferenciação entre a Floresta Ombrófila e a Floresta Semidecidual atribuído à altitude, temperatura e sazonalidade da precipitação. Por outro lado, a Floresta Estacional Semidecidual havia sido considerada por LEITÃOFILHO (1987) como uma vegetação de transição entre a Floresta Ombrófila e o Cerrado.

O clima da região, segundo o sistema de classificação de Köppen, é do tipo *Am*, isto é, tropical subúmido, de transição, quente, com temperatura média anual superior a 18°C, com índices pluviométricos anuais entre 800 e 1.200 mm e curta estação seca (LOMANTO-NETO, 2002). Segundo SEI (2003), a região está inserida no polígono das secas.

O levantamento dos componentes herbáceos, arbustivos e arbóreos dos fragmentos foi realizado por meio de coletas trimestrais durante o período de maio/2005 a abril/2006. As coletas foram realizadas usando-se método de caminhamento e a identificação do material botânico foi efetuada por meio de bibliografia específica e/ou comparação com as coleções existentes no acervo dos herbários ALCB e da Universidade Estadual de Feira de Santana (HUEFS).

Todo o material herborizado foi incorporado ao acervo do ALCB. Para abreviações dos nomes dos autores de nomes científicos de plantas, seguiu-se BRUMMIT & POWELL (1992); as famílias de plantas são reconhecidas pelo APG II (2003).

Para comparação florística entre os fragmentos estudados foi utilizado os índices de Sørensen (BROWER & ZAR, 1998) e de Jaccard (MUELLER-DOMBOIS & ELLENBERG, 1974).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os fragmentos estudados encontram-se de forma contínua no topo dos dois morros, sobre terreno argiloso, apresentando uma fisionomia de Floresta Estacional Semidecidual e atingindo uma altura média de ca. 8 m. A penetração no interior do fragmento é difícil devido à grande quantidade de trepadeiras e lianas, sugerindo um estágio de sucessão secundária da mata.

Foram registradas, para os dois fragmentos, um total de 169 espécies, distribuídas em 121 gêneros e 48 famílias, sendo 20 espécies comuns. No fragmento 1, foram encontradas 89 espécies distribuídas em 69 gêneros e 33 famílias (Tabela 1). As famílias mais representativas em número de espécies foram: Fabaceae (13 spp.), Sapindaceae (9), Euphorbiaceae (6), Rubiaceae (6), Solanaceae (6), Myrtaceae (5) e Boraginaceae (4), representando 55% das espécies identificadas. No fragmento 2, foram encontradas 100 espécies distribuídas em 79 gêneros e 37 famílias (Tabela 2). As famílias mais representativas em número de espécies foram: Fabaceae (17 spp.), Myrtaceae (9), Sapindaceae (5), Asteraceae (5), Malvaceae (5), seguidas por Bignoniaceae, Euphorbiaceae e Rubiaceae com quatro espécies cada, representando 53% das espécies identificadas.

209

Fig. 1. A. Vista parcial do fragmento 2, Fazenda Acaju; B. *Solanum polytrichum* Moric.; C. *Bowdichia virgilioides* Kunth.; D. Vista parcial do fragmento 1, Mata do Pomar; E. Copa, F. Flor. G. Fruto da espécie *Albizia polycephala* (Benth.) Killip.

Nos fragmentos estudados, cerca de 78% das famílias apresentam de uma a três espécies. Esses dados corroboram com os resultados encontrados em outros levantamentos, neste mesmo tipo de fisionomia da Mata Atlântica (GUEDES, 1992; IVANAUSKAS, 1997; WERNECK *et al.*, 2000; JURINITZ & JARENKOW, 2003).

As famílias com maior riqueza de espécies foram Fabaceae, Myrtaceae, Euphorbiaceae, Rubiaceae e Sapindaceae. Essas famílias também são representativas em números de espécies em outras regiões do Brasil, como observado nos levantamentos florísticos das Florestas Estacionais do Estado de Alagoas (GRILLO *et al.*, 2006), Bahia (FUNCH, 1997), Pernambuco (ANDRADE & RODAL, 2004) e São Paulo (IVANAUSKAS *et al.*, 1999; SANTOS & KINOSHITA, 2003) (Tabela 3). Segundo IVANAUSKAS (1997), o fato destas famílias se destacarem em qualquer levantamento florístico em áreas de Floresta Estacional e/ou Ombrófila do domínio da Mata Atlântica sugere que elas possam ser utilizadas como indicadoras deste domínio.

A família Fabaceae se destaca em número de espécies nos dois fragmentos. Embora possa ser encontrada em diferentes estratos (ANDRADE & RODAL, 2004), neste estudo prevaleceu o hábito arbóreo, como *Bowdichia virgilioides* (fragmento 2, Fig. 1C), característica de

COSTA & GUEDES - LEVANTAMENTO ABRIL - DEZEMBRO 2010] FLORÍSTICO EM DOIS FRAGMENTOS DE MATA ATLÂNTICA NA BAHIA

210 SITIENTIBUS SÉRIE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS [Vol. 10

Tabela 1. Lista das espécies coletadas na "Mata do Pomar" (fragmento 1), Elísio Medrado, Bahia.

Famílias Espécies Hábito N°ALCB

Acanthaceae *Ruellia affinis* (Ness) Lindau Subarbusto 69977

Annonaceae *Annona montana* Macfad. Árvore 70023

Apocynaceae *Aspidosperma parvifolium* A. DC. Árvore 70042

*Peschiera salzmännii* (A. DC.) Miers Árvore 70039

*Prestonia coalita* (Vell.) Woodson Trepadeira 69893

Araceae *Anthurium bellum* Schott Herbácea 69886  
 Araliaceae *Schefflera morototoni* (Aubl.) Maguire, Steyerl. & Frodin Árvore 69948  
 Asteraceae *Baccharis trinervis* (Lam.) Pers. Subarbusto 69826  
*Pterocaulon alopecuroides* (Lam.) DC. Herbácea 69843  
*Vernonanthura* L.(H) Rhob. Subarbusto 69872  
 Boraginaceae *Cordia superba* Cham. Árvore 69896  
*Cordia taguahyensis* Vell. Árvore 69898  
*Cordia trichoclada* DC. Árvore 69891  
*Cordia trichotoma* (Vell.) Arráb. ex Steud. Árvore 69895  
 Brassicaceae *Capparis flexuosa* (L.) L. Árvore 69993  
*Crataeva tapia* L. Árvore 69980  
 Bromeliaceae *Hohenbergia blanchetii* (Barker) & E. Morren ex Mez Epífita 69974  
*Tillandsia globosa* Wawra Epífita 69975  
 Cyperaceae *Rhynchospora nervosa* (Vahl) Boeck. Erva 70041  
 Erythroxylaceae *Erythroxylum squamatum* Sw. Árvore 70024  
*Erythroxylum subrotundum* A. St.-Hil. Arbusto 70034  
 Euphorbiaceae *Croton moritibensis* Baill. Subarbusto 69900  
*Croton* sp. Árvore 69840  
*Dalechampia brasiliensis* Lam. Trepadeira 69889  
*Dalechampia* cf. *ficifolia* Lam. Trepadeira 69903  
*Dalechampia peckoltiana* Müll. Arg. Trepadeira 69888  
*Julocroton* sp. Subarbusto 70050  
 Fabaceae *Albizia polycephala* (Benth.) Killip Árvore 70013  
*Andira fraxinifolia* Benth. Árvore 69833  
*Apuleia leiocarpa* (Vogel) J.F. Macbr. Árvore 70051  
*Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan Árvore 69836  
*Centrolobium microchaete* (Mart. ex Benth.) H.C. Lima Árvore 69939  
*Dalbergia foliolosa* Benth. Árvore 69936  
*Inga vera* Willd. subsp. *affinis* (DC.) T.D. Penn. Árvore 70014  
*Parapiptadenia* sp. Árvore 70036  
*Piptadenia* sp. Árvore 70035  
*Prosopis juliflora* (Sw.) DC. Árvore 69979  
*Senna aversiflora* (Herbert) H.S. Irwin & Barneby Subarbusto 69837  
*Senna macranthera* (Collad.) H.S. Irwin & Barneby Arbusto 70037  
*Swartzia apetala* Raddi Árvore 69933  
 Gesneriaceae *Codonanthe mattos-silvae* Chautems Herbácea 69887  
 Lecythydaceae *Holopyxidium latifolium* (A.C. Sm.) R. Knuth Árvore 70002  
 Malpighiaceae *Byrsonima sericea* DC. Árvore 69924  
*Galphimia brasiliensis* (L.) A. Juss. Subarbusto 69829  
 Malvaceae *Eriotheca pentaphylla* (Vell.) A. Robyns Árvore 70025  
*Pachyra aquatica* Aubl. Árvore 70029  
 Melastomataceae *Miconia albicans* (Sw.) Triana Arbusto 70048  
*Miconia prasina* (Sw.) DC. Árvore 69845

211

formações decíduas e semidecíduas (FUNCH, 1997), e *Goniorrhachis marginata* (fragmento 2) que possui uma distribuição mais restrita em florestas estacionais e caatingas da região Centro-Sul da Bahia e Norte de Minas Gerais (QUEIROZ, 2009; LEWIS, 1987). Algumas espécies coletadas em ambos os fragmentos deste estudo foram referidas por LEWIS (1987) para vários ambientes do Estado da Bahia: *Albizia polycephala* (Figs. 1E, F e G) e *Senna macranthera* para a caatinga, *Andira fraxinifolia* para as matas ciliares e *Inga subnuda* (fragmento 2) para a restinga. Destaca-se ainda *Machaerium condensatum*, coletada no fragmento 2, que foi citada por OLIVEIRA-FILHO (2006) para os Estados de Pernambuco, Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais, sendo conhecida por poucas coletas. Entretanto, esta espécie não foi citada por QUEIROZ (2009) para a Bahia. Outra família que se destaca em número de espécies

é Myrtaceae. A literatura aponta sua importância ecológica através da riqueza florística, corroborando com os resultados

Tabela 1. Continuação

COSTA & GUEDES - LEVANTAMENTO ABRIL - DEZEMBRO 2010] FLORÍSTICO EM DOIS FRAGMENTOS DE MATA ATLÂNTICA NA BAHIA

Famílias Espécies Hábito N°ALCB

- Meliaceae *Guarea guidonia* (L.) Sleumer Árvore 69832  
*Trichilia elegans* A. Juss. Árvore 70019  
Moraceae *Ficus gomelleira* Kunth. & C.D. Bouché Árvore 69995  
Myrtaceae *Calyptanthes lucida* Mart. ex DC. Árvore 69969  
*Eugenia speciosa* Cambess. Árvore 69967  
*Gomidesia* sp. Árvore 69968  
*Myrcia guianensis* (Aubl.) DC. Árvore 69960  
*Psidium sartorianum* (Berg) Nied. Árvore 69970  
Nyctaginaceae *Guapira opposita* (Vell.) Reitz Árvore 69949  
Orchidaceae *Oeceoclades maculata* (Lindl.) Lindl. Herbácea 69916  
*Vanilla palmarum* Lindl. Trepadeira 69839  
Oxalidaceae *Oxalis umbraticola* A. St.-Hil. Herbácea 70032  
Passifloraceae *Passiflora setacea* DC. Trepadeira 69894  
Poaceae *Lasiacis ligulata* Hitach. & Chase Herbácea 70020  
Rubiaceae *Alseis floribunda* Schott Árvore 69904  
*Alibertia* sp. Arbusto 69909  
*Psychotria bahiensis* Müll. Arg. Subarbusto 69913  
*Psychotria chaenotricha* DC. Subarbusto 69912  
*Randia armata* (Sw.) DC. Arbusto 69907  
*Randia* sp. Arbusto 69911  
Sapindaceae *Allophylus* sp. Árvore 70016  
*Allophylus edulis* (A. St.-Hil., A. Juss. & Cambess.) Radlk. Árvore 69930  
*Allophylus sericeus* (Cambess.) Radlk. Árvore 69841  
*Cupania oblongifolia* Mart. Árvore 69954  
*Cupania paniculata* Cambess. Árvore 69830  
*Cupania racemosa* (Vell.) Radlk. Árvore 69999  
*Paullinia racemosa* Wawra Trepadeira 69835  
*Paullinia revoluta* Radlk. Trepadeira 69834  
*Talisia esculenta* (Cambess.) Radlk. Árvore 70018  
Solanaceae *Cestrum laevigatum* Schltld. Arbusto 69828  
*Cestrum* sp. Arbusto 69844  
*Schwenckia mollissima* Nees & Mart. Herbácea 69827  
*Solanum* cf. *subumbellatum* Vell. Arbusto 69838  
Solanaceae *Solanum polytrichum* Moric. Arbusto 69928  
*Solanum* sp.2 Subarbusto 69944  
Trigonaceae *Trigonía nivea* Cambess. Trepadeira 69871  
Ulmaceae *Celtis brasiliensis* Gardner Arbusto 69831  
*Celtis glycyarpa* Mart. ex Benth. Árvore 69842  
Urticaceae *Cecropia pachystachya* Trécul Árvore 70007  
Verbenaceae *Lantana camara* L. Subarbusto 70001  
*Stachytarpheta cayennensis* (Rich.) Vahl Subarbusto 70000
- 212 SITIANTIBUS SÉRIE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS [Vol. 9  
Tabela 2. Lista das espécies coletadas na "Fazenda Acaju" (fragmento 2), Amargosa, Bahia.
- Famílias Espécies Hábito N°ALCB
- Acanthaceae *Ruellia affinis* (Nees) Lindau Subarbusto 69976  
*Ruellia bahiensis* (Nees) Morong Subarbusto 69978  
Anacardiaceae *Tapirira guianensis* Aubl. Árvore 69848  
Annonaceae *Duguetia* sp. Árvore 69996  
Apocynaceae *Peschiera salzmännii* (A. DC.) Miers Árvore 70038  
*Prestonia coalita* (Vell.) Woodson Trepadeira 69855  
*Rauvolfia bahiensis* A. DC. Arbusto 69852  
Araceae *Pistia stratiotes* L. Herbácea 69879  
Asteraceae *Acanthospermum australe* (Loefl.) Kuntze Herbácea 69885  
*Albertinia brasiliensis* Spreng. Arbusto 69947  
*Blanchetia heterotricha* DC. Subarbusto 69882  
*Verbesina macrophylla* (Cass.) S.F. Blake Subarbusto 69881

Bignoniaceae *Adenocalymma* sp.1 Trepadeira 70043  
*Adenocalymma* sp.2 Trepadeira 70009  
*Arrabidaea rego* (Vell.) DC. Trepadeira 69847  
*Lundia cordata* (Vell.) DC. Trepadeira 70005  
 Boraginaceae *Cordia taguayensis* Vell. Árvore 69892  
*Cordia trichotoma* (Vell.) Arráb. ex Steud. Árvore 69884  
*Tournefortia rubicunda* Salzm. ex DC. Arbusto 70045  
 Bromeliaceae *Cryptanthus* sp. Herbácea 69983  
 Convolvulaceae *Merremia dissecta* (Jacq.) Hallier f. Trepadeira 70015  
 Dilleniaceae *Davilla rugosa* Poir. Trepadeira 69981  
 Erythroxylaceae *Erythroxylum* sp.1 Arbusto 69859  
*Erythroxylum* sp.2 Árvore 69865  
 Euphobiaceae *Bernardia* cf. *gamboa* Müll. Arg. Subarbusto 70046  
*Croton moritibensis* Baill. Subarbusto 69900  
*Dalechampia allata* Müll. Arg. Trepadeira 69854  
*Tragia volubilis* L. Trepadeira 69890  
 Fabaceae *Albizia polycephala* (Benth.) Killip Árvore 70012  
*Andira fraxinifolia* Benth. Árvore 69941  
*Bowdichia virgilioides* Kunth Árvore 69851  
*Centrolobium sclerophyllum* Lima Árvore 69866  
*Dalbergia frutescens* (Vell.) Britton Árvore 69937  
*Dalbergia miscolobium* Benth. Árvore 69938  
*Dalbergia* sp. Árvore 69935  
*Dioclea grandiflora* Mart. ex Benth. Trepadeira 69863  
*Goniorrhachis marginata* Taub. Árvore 69946  
*Inga subnuda* Salzm. ex Benth. Árvore 69862  
*Inga vera* Willd. subsp. *affinis* (DC.) T.D. Penn. Árvore 70011  
*Machaerium angustifolium* Vogel Árvore 69868  
*Machaerium condensatum* Kuhl. & Hoehne Arboreta 69997  
*Machaerium* sp. Árvore 70031  
*Myrocarpus fastigiatus* Allemão Árvore 69942  
*Pseudopiptadenia bahiana* G.P. Lewis & M.P. Lima Árvore 69864  
*Senna macranthera* (Collad.) H.S. Irwin & Barneby Arbusto 69945  
 Hypericaceae *Vismia guianensis* (Aubl.) Choisy Árvore 69952  
 Humiriaceae *Sacoglottis matogrossensis* Benth. Árvore 70033  
 Lecythidaceae *Eschweilera ovata* (Cambess.) Miers Árvore 70006  
 213

Tabela 2 (Continuação)

COSTA & GUEDES - LEVANTAMENTO ABRIL - DEZEMBRO 2010] FLORÍSTICO EM DOIS FRAGMENTOS DE MATA ATLÂNTICA NA BAHIA

Famílias Espécies Hábito N°ALCB

*Holopyxidium* cf. *latifolium* (A.C. Sm.) R. Knuth Árvore 70008  
 Loranthaceae *Struthanthus pterygopus* Mart. Hemiparasita 70040  
*Struthanthus syringifolius* (Mart.) Mart. Hemiparasita 69992  
 Malpighiaceae *Byrsonima sericea* DC. Árvore 69923  
*Byrsonima* sp. Árvore 69849  
*Heteropterys nordestina* Amorim Trepadeira 70030  
 Malvaceae *Abutilon scabridum* K. Schum. Arbusto 69880  
*Luehea paniculata* Mart. Árvore 69858  
*Malachra helodes* Mart. Arbusto 69988  
*Pavonia martii* Colla Herbácea 69985  
*Sida salzmännii* Monteiro Subarbusto 69987  
 Meliaceae *Trichilia elegans* A. Juss. Árvore 70027  
*Trichilia* sp. Árvore 70028  
 Moraceae *Ficus gomelleira* Kunth. & C.D. Bouché Árvore 69994  
*Sorocea bonplandii* (Baill.) Burger Arbusto 69860  
 Myrtaceae *Calycorectes* sp. Árvore 69971  
*Calyptranthes* sp. Arbusto 69973  
*Eugenia* sp.1 Árvore 69957  
*Eugenia* sp.2 Arbusto 69962  
*Eugenia* sp.3 Árvore 69963  
*Myrceugenia* sp. Árvore 69965

*Myrcia guianensis* (Aubl.) DC. Árvore 69961  
*Psidium oligospermum* DC. Subarbusto 70049  
*Psidium sartorianum* (Berg) Nied. Árvore 69972  
 Olacaceae *Heisteria perianthomega* (Vell.) Sleumer Arbusto 70022  
 Orchidaceae *Campylocentrum micranthum* Rolfe Epífita 69914  
*Vanilla palmarum* Lindl. Trepadeira 69915  
 Passifloraceae *Passiflora cincinnata* Mast. Trepadeira 69876  
*Passiflora galbana* Mast. Trepadeira 69878  
*Passiflora setacea* DC. Trepadeira 69875  
 Phytolaccaceae *Microtea paniculata* Moq. Herbácea 69866  
 Piperaceae *Peperomia circinnata* Link. Epífita 69956  
 Poaceae *Olyra latifolia* L. Herbácea 70021  
 Polygalaceae *Polygala martiana* A.W. Benn. Herbácea 69850  
 Polygonaceae *Coccoloba laevis* Casar. Árvore 69967  
 Rubiaceae *Chiococca alba* (L.) Hitchc. Arbusto 69906  
*Emmeorrhiza umbellata* (Spreng.) K. Schum. Trepadeira 69908  
*Genipa americana* L. Árvore 69905  
 Rubiaceae *Randia* sp. Arbusto 69910  
 Rutaceae *Conchocarpus heterophyllus* (A.St.-Hil.) Kallunki & Pirani Arbusto 69920  
*Metrodorea maracasana* Kaastra Arbusto 69919  
*Pilocarpus riedelianus* Engl. Árvore 69917  
 Salicaceae *Casearia arborea* (Rich.) Urb. Árvore 69990  
*Casearia* sp. Árvore 69989  
 Sapindaceae *Allophylus sericeus* (Cambess.) Radlk. Árvore 69856  
*Paullinia racemosa* Wawra Trepadeira 70017  
*Paullinia revoluta* Radlk. Trepadeira 69861  
*Serjania lethalis* A. St.-Hil. Trepadeira 69931  
 Estação Ecológica do Tapacurá, PE ANDRADE & RODAL (2004) 140 85 9 5 0,12 0,06  
 Serra Grande, AL GRILLO *et al.* (2006) 600 84 6 6 0,09 0,09  
 Rio Lençóis, Lençóis, BA FUNCH (1997 ) 600 56 2 3 0,04 0,06  
 Ribeirão Cachoeira, SP SANTOS & KINOSHITA (2003) 695 175 5 3 0,04 0,02  
 Itatinga, SP IVANAUSKAS *et al.* (1999) 580 97 2 2 0,02 0,02  
 Famílias Espécies Hábito N°ALCB  
*Serjania racemosa* Wawra Trepadeira 69929  
 Sapotaceae *Pradosia lactescens* (Vell.) Radlk. Árvore 69986  
 Solanaceae *Solanum* sp.1 Arbusto 69943  
*Solanum stipulaceum* Roem. & Schult. Subarbusto 69927  
 Elísio Medrado  
 (BA)  
 Amargosa  
 (BA)  
 Itatinga  
 (SP)  
 Lençóis  
 (BA)  
 Ribeirão  
 Cachoeira  
 (SP)  
 Estação Tapacurá  
 (PE)  
 Serra Grande  
 (AL)  
 Fabaceae (13) Fabaceae (17) Myrtaceae (16) Myrtaceae (17) Fabaceae (30) Fabaceae (14)  
 Fabaceae (13)  
 Sapindaceae (9) Myrtaceae (9) Fabaceae (9) Fabaceae (11) Myrtaceae (14) Myrtaceae (10)  
 Lauraceae (7)  
 Euphorbiaceae (6) Malvaceae (5) Lauraceae (8) Melastomataceae (7) Rutaceae (14) Sapindaceae  
 (6) Sapotaceae (7)  
 Rubiaceae (6) Sapindaceae (5) Euphorbiaceae (6) Euphorbiaceae (7) Solanaceae (9)  
 Euphorbiaceae (4) Moraceae (5)  
 Solanaceae (6) Asteraceae (4) Rubiaceae (4) Apocynaceae (4) Rubiaceae (8) Lecythidaceae (4)  
 Chrysobalanaceae



(4)  
 Myrtaceae (5) Bignoniaceae (4) Anacardiaceae (3) Rubiaceae (4) Euphorbiaceae (7) Rubiaceae (4)  
 Clusiaceae (4)  
 Boraginaceae (4) Euphorbiaceae (4) Myrsinaceae (3) Celastraceae (3) Lauraceae (7) Sapotaceae  
 (4) Apocynaceae (3)  
 Apocynaceae (3) Rubiaceae (4) Sapindaceae (3) Chrysobalanaceae (3) Meliaceae (7) Apocynaceae  
 (3) Burseraceae (3)  
 Asteraceae (3) Boraginaceae (3) Symplocaceae (3) Clusiaceae (3) Moraceae (7) Moraceae (3)  
 Lecythidaceae (3)  
 Bromeliaceae (2) Malpighiaceae (3) Annonaceae (3) Rutaceae (3) Boraginaceae (5) Malvaceae (3)  
 Rubiaceae (3)  
 Total 57 58 58 62 108 55 52

214 [Vol. 10

Tabela 2 (Continuação)

SITIENTIBUS SÉRIE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Tabela 3. Dez famílias com maior número de espécies na Mata do Pomar/ Elísio Medrado e Fazenda Acaju/Amargosa, comparadas com seis outras áreas de Floresta Estacional Semidecídua: Itatinga, SP (IVANAUSKAS et al., 1999), Rio Lençóis, Lençóis, BA (FUNCH, 1997), Ribeirão Cachoeira, SP (SANTOS & KINOSHITA, 2003), Estação Ecológica do Tapacurá, PE (ANDRADE & RODAL, 2004) e Serra Grande, AL (GRILLO et al., 2006).

Tabela 4. Índice de Similaridade florística de Sørensen ( $S\phi$ ), calculados entre o presente levantamento e outros levantamentos de espécies arbustivo-arbóreas realizados em áreas de Floresta Estacional Semidecídua. N= Número de espécies arbustivo-arbóreas;  $c_1$ =número de espécies em comum com o fragmento 1;  $c_2$ =número de espécies em comum com o fragmento 2;  $S\phi_1$ =Índice de Similaridade de Sørensen para o fragmento 1 e  $S\phi_2$ =Índice de Similaridade de Sørensen para o fragmento 2; Referências ordenadas por valores decrescentes de  $S\phi_1$ .

Local Referência Altitude  
 média

N  $c_1$   $c_2$   $S\phi_1$   $S\phi_2$

encontrados por MORI et al. (1983), PEIXOTO et al. (2004) e NEVES (2005). Estes autores sugeriram que esta família é uma das que apresenta maior riqueza específica para o Domínio Atlântico, sendo ainda considerada por MURRAY SMITH et al. (2008) como indicadora de padrões da diversidade das angiospermas no domínio da Mata Atlântica. Entretanto, SOARES-FILHO (2000) sugere que a alta riqueza pode estar associada a um número elevado de espécies que apresentam baixa produção de madeira de boa qualidade, o que teria interferido positivamente na dinâmica populacional desta família.

A maioria das espécies de Rubiaceae, Acanthaceae e Poaceae apresentaram as formas subarbustivas e herbáceas, corroborando com o encontrado por UDULUTSCH et al. (2004). Os hábitos epífita e hemiepífita pouco se destacaram no conjunto da vegetação, enquanto as trepadeiras foram abundantes, sendo Bignoniaceae e Sapindaceae as mais significativas em número de espécies.

215

ANDRADE KVSA & MJN RODAL. 2004. Fisionomia e estrutura de um remanescente de floresta estacional semidecidual de terras baixas no nordeste do Brasil. **Rev. Bras. Bot.** 27(3): 463-474.

APGII. Angiosperm Phylogeny Group. 2003. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants. **Bot. J. Linn. Soc.** 141: 399-436.

BROWER JE & JH ZAR. 1984. **Field and laboratory methods for general ecology**. Dubuque: WmC Publishers.

BRUMMIT RK & MCE POWELL. 1992. **Authors of plants names**. London: Royal Botanic Gardens, Kew.

CÂMARA IG. 1983. Tropical moist forest conservation in Brazil, p 413-421. *In*: SL SUTTON, TC WHITEMORE & AC CHADWICK (eds.).

**Tropical rain forest: ecology and management**. Oxford: Blackwell Scientific Publications.

CARVALHO FA, JMA BRAGA, JML GOMES, JS SOUZA & MT NASCIMENTO. 2006. Comunidade arbórea de uma floresta de baixada aluvial

no município de Campos dos Goytacazes, RJ. *Cerne* 12(2): 157-166.

FUNCH LS. 1997. **Composição florística e fenologia de mata ciliar e mata de encosta, adjacentes ao rio Lençóis, Lençóis, BA.**

Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Tese de Doutorado.

FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA. 2002. **Atlas dos remanescentes florestais da Mata Atlântica no período de 1995-2000: relatório final.** São Paulo: Fundação SOS Mata Atlântica.

GRILLO A, MA MARCONDES & M TABARELLI. 2006. Árvores, p. 191-216.

In: M TABARELLI, K. PÓRTO & JS ALMEIDA-CORTEZ. (Org.).

**Diversidade e conservação da Floresta Atlântica ao Norte do Rio São Francisco.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente.

Ambiente.

#### REFERÊNCIAS

Estes resultados corroboram com outros levantamentos realizados em Florestas Estacionais Semidecíduais (HORA & SOARES, 2002; UDULUTSCH *et al.*, 2004; TIBIRIÇA *et al.*, 2006). Além disso, observou-se uma maior abundância de trepadeiras no fragmento 2. Segundo OLIVEIRA-FILHO *et al.* (1997) e LIMA *et al.* (1997), altas densidades de trepadeiras estão relacionadas a áreas degradadas ou sob grande incidência de luz, tais como fragmentos florestais e bordas. A presença de lianas em fragmentos florestais gera discussões em relação à sua importância. Segundo PUTZ (1984), a manutenção do fragmento é decorrente da invasão das lianas, uma vez que estas interferem na regeneração da comunidade arbórea e aumentam a quantidade de queda de árvores. MORELLATO & LEITÃO-FILHO (1996) argumentam que as lianas apresentam interações positivas com a comunidade arbórea por apresentarem um padrão fenológico complementar que possibilita a oferta constante de suplemento alimentar para a fauna. Para OLIVEIRA-FILHO *et al.* (1997), em fragmentos florestais as trepadeiras podem ter uma influência na dinâmica e na estrutura hierárquica da comunidade maior que o efeito de borda. UDULUTSCH *et al.* (2004) sugeriram que o grande número de espécies de lianas pode ser um padrão das Florestas Estacionais Semidecíduais no Estado de São Paulo. Para verificar se esse padrão se estende para as Florestas Estacionais Semidecíduais no Estado da Bahia, mais estudos serão necessários, embora SOARES-FILHO (2000) cite uma elevada densidade de lianas para a região de Vitória da Conquista. A maioria das espécies amostradas no presente estudo é de ampla distribuição no Estado, ou seja, são espécies encontradas em praticamente todos os tipos de formações florestais. JARENKOW & WAECHTER (2001) ressaltam a importância das espécies de grande amplitude ecológica nas matas estacionais do sul do Brasil. Destacam-se em ambos os fragmentos estudados *Cordia trichotoma* (Boraginaceae), árvore característica da floresta pluvial da região Sul da Bahia e Norte do Espírito Santo; e *Solanum polytrichum* (Solanaceae, Fig. 1 B), com distribuição também na região Sul da Bahia e Norte do Espírito Santo. Há ainda espécies como *Allophylus edulis* (Sapindaceae), *Dalbergia foliolosa* e *D. frutescens* (Fabaceae), *Davilla rugosa* (Dileniaceae), *Guapira opposita* (Nyctaginaceae), *Sorocea bomplandii* (Moraceae) e *Tapirira guianensis* (Anacardiaceae), citadas também para a região de Minas Gerais (WERNECK *et al.*, 2000), Rio Grande do Sul (JURINITZ & JARENKOW, 2003) e São Paulo (IVANAUSKAS, 1997; HORA & SOARES, 2002; SILVA & SOARES, 2002).

Os fragmentos estudados apresentaram um baixo

índice de similaridade tanto de Sørensen (0,21) quanto de Jaccard (0,11). Quando comparados a outros levantamentos (Tabela 4), os valores do índice de Sørensen foram ainda mais baixos, variando de 0,02 a 0,12. Estes números são corroborados pelos estudos de PAGANO *et al.* (1995) e PEIXOTO *et al.* (2003), que atribuem a baixa similaridade entre as diferentes áreas da Floresta Atlântica à heterogeneidade florística, bem como às variações climáticas, altitudinais e edáficas.

Quanto à estrutura vegetacional, observa-se a seguinte distribuição percentual de espécies amostradas em cada categoria nos fragmentos 1 e 2, respectivamente: árvores 53% e 43%; arbustos, arvoretas e subarbustos 26% e 26%; ervas 9% e 7%; trepadeiras 10% e 20%; epífitas e hemiparasitas 2% e 4%. É evidente o predomínio das espécies arbóreas e arbustivas. Resultado semelhante também foi obtido em Macaé de Cima, Rio de Janeiro (LIMA & GUEDES-BRUNI, 1994) e em Pariquera-Açu, São Paulo (IVANAUSKAS, 1997). Apesar das diferenças metodológicas dos trabalhos comparados, que influenciam na avaliação da riqueza de espécies (MARTINS, 1991), observa-se que, na categoria arbóreo-arbustiva, encontram-se mais de 50% da riqueza florística do Domínio Atlântico. A outra porção é assumida pelas demais categorias, que também não são menos importantes na manutenção da biodiversidade desse ecossistema (IVANAUSKAS, 1997).

#### AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem ao Dr. Luciano Paganucci de Queiroz pelo auxílio na identificação das Fabaceae; à Dra. Nádia Roque e aos revisores anônimos pelas sugestões no manuscrito.

COSTA & GUEDES - LEVANTAMENTO ABRIL - DEZEMBRO 2010] FLORÍSTICO EM DOIS FRAGMENTOS DE MATA ATLÂNTICA NA BAHIA  
216 SITIENTIBUS SÉRIE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS [Vol. 10

GUEDES MLS. 1992. **Estudo florístico e fitossociológico de um trecho da Reserva Ecológica da mata de Dois Irmãos Recife, PE.** Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. MSc. diss.

GUEDES MLS, MA BATISTA, M RAMALHO, HMB FREITAS & EM SILVA.

2005. Breve incursão sobre a biodiversidade, p. 39-92. *In*: CSR FRANK, PLB ROCHA, W KLEIN & SL GOMES (eds.). **Mata Atlântica e Biodiversidade.** Salvador: EDUFBA.

HORA RC & JJ SOARES. 2002. Estrutura fitossociológica da comunidade de lianas em uma Floresta Estacional Semidecidual na Fazenda Canchim, São Carlos, SP. **Rev. Bras. Bot.** 25(3): 323-329.

IVANAUSKAS NM. 1997. **Caracterização florística e fisionômica da Floresta Atlântica sobre a Formação Pariquera-Açu, na zona da Morraria Costeira do estado de São Paulo.**

Universidade Estadual de Campinas, Campinas. MSc. diss.

IVANAUSKAS NM, RR RODRIGUES & AG NAVE. 1999. Fitossociologia de um trecho de Floresta Estacional Semidecidual em Itatinga, São Paulo, Brasil. **Scientia Forestalis** 56: 83-99.

JARENKOW JA & JL WAECHTER. 2001. Composição, estrutura e relações florísticas do componente arbóreo de uma floresta estacional no Rio Grande do Sul, Brasil. **Rev. Bras. Bot.** 24(3): 263-272.

JURINITZ CF & JA JARENKOW. 2003. Estrutura do componente arbóreo de uma Floresta Estacional na Serra do Sudeste, Rio Grande do Sul, Brasil. **Rev. Bras. Bot.** 26(4): 475-487.

LEITÃO-FILHO HF. 1987. Considerações sobre a florística de florestas tropicais e sub-tropicais do Brasil. **IPEF** 35: 41-46.

LEWIS GP. 1987. **Legumes of Bahia.** London: Royal Botanic Gardens, Kew.

LIMA MPM & RR GUEDES-BRUNI (Orgs.). 1994. **Reserva Ecológica de Macaé de Cima: Nova Friburgo - RJ: aspectos florísticos das espécies vasculares.** Vol. 1. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

LOMANTO-NETO R. 2002. **Caracterização da degradação e resposta de pastagens com *Brachiaria decumbens* Stapf., à interação N:P na região de Amargosa, BA.** Universidade Federal da Bahia, Cruz das Almas. MSc. diss.

MARTINS FR. 1991. **Estrutura de uma floresta mesófila**. Campinas: Editora da UNICAMP.

MANTOVANI W. 2003. Delimitação do bioma Mata Atlântica: implicações legais e conservacionistas, p. 287-295. *In*: V CLAUDINO-SALES (org.). **Ecosistemas brasileiros: manejo e conservação**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora.

MORELLATO LPN & CFB HADDAD. 2000. Introduction: The Brazilian Atlantic Forest. **Biotropica** 32(4b): 786-792.

MORELLATO PN & HF LEITÃO-FILHO. 1996. Reproductive phenology of climbers in a Southeastern Brazilian Forest. **Biotropica** 28(2): 180-191.

MORI SA, BM BOOM, AMV CARVALHO & TS SANTOS. 1983. Southern Bahian moist forests. **The Botanical Review** 49: 155-232.

MUELLER-DOMBOIS D & H ELLENBERG. 1974. **Aims and methods of vegetation ecology**. New York: John Wiley and Sons.

MURRAY-SMITH C, NA BRUMMITT, AT OLIVEIRA-FILHO, S BACHMAN, J MOTA, EM LUGHADHA & EJ LUCAS. 2008. Plant diversity hotspots in the Atlantic coastal forests of Brazil. **Conserv. Biol.** 23(1): 151-63.

MYERS N, RA MITTERMEIER, CG MITTERMEIER, GAB FONSECA & J KENT. 2000. Biodiversity hotspots for conservation priorities. **Nature** 403: 845-853.

NEVES MLC. 2005. **Caracterização da vegetação de um trecho de Mata Atlântica de Encosta na Serra da Jibóia, Bahia**. Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana. MSc. diss.

OLIVEIRA-FILHO AT. 2006. **Catálogo das árvores nativas de Minas Gerais: mapeamento e inventário da flora nativa e dos reflorestamentos de Minas Gerais**. Lavras: Editora UFLA.

OLIVEIRA-FILHO AT & MAL FONTES. 2000. Patterns of floristic differentiation among Atlantic Forests in Southeastern Brazil and the influence of climate. **Biotropica** 32(4b): 793-810.

PAGANO SN, HF LEITÃO-FILHO & O CAVASSAN. 1995. Variação temporal da composição florística e estrutura fitossociológica de uma floresta mesófila semidecídua – Rio Claro, SP. **Rev. Bras. Biol.** 55(2): 241-258.

PEIXOTO GL, SV MARTINS, AF SILVA & E SILVA. 2004. Composição florística do componente arbóreo de um trecho de Floresta Atlântica na Área de Proteção Ambiental da Serra da Capoeira Grande, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. **Acta Bot. Bras.** 18(1): 151-160.

PRIMACK RB & E RODRIGUES. 2002. **Biologia da conservação**. Londrina: Editora Planta.

PUTZ FE. 1984. The natural history of lianas on Barro Colorado Island, Panamá. **Ecology** 65(6): 1713-1724.

QUEIROZ LP. 2009. **Leguminosas da Caatinga**. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana.

QUEIROZ LP, TSN SENA & MJSL COSTA. 1996. Flora vascular da Serra da Jibóia, Santa Terezinha-Bahia. I: o campo rupestre. **Sitientibus** 15: 27-40.

REIS A, RM ZAMBONIM & EM NAKAZONO. 1999. **Recuperação de áreas florestais degradadas utilizando a sucessão e as interações planta-animal**. Série Cadernos da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica Caderno Nº 14 - Série Recuperação. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo.

SANTOS K & LS KINOHITA. 2003. Flora arbustivo-arbórea do fragmento de Floresta Estacional Semidecidual do Ribeirão Cachoeira, município de Campinas, SP. **Acta Bot. Bras.** 17(2): 325-341.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DO ESTADO DA BAHIA. 2001. **Dados geográficos do município de Amargosa**. Disponível online em: <<http://www.sei.ba.gov.br>>. Acesso em: 12. jun. 2006.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DO ESTADO DA BAHIA. 2003. **Mapa de pluviometria do Estado da Bahia**. Disponível online em: <<http://www.sei.ba.gov.br>>. Acesso em: 12. jun.2006.

SILVA LA & JJ SOARES. 2002. Levantamento Fitossociológico em um fragmento de Floresta Estacional Semidecidual, no município de São Carlos, SP. **Acta Bot. Bras.** 16(2): 205-216.

SOARES-FILHO AO. 2000. **Estudo fitossociológico em uma região de duas florestas ecotonal no planalto de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil**. Universidade de São Paulo, São Paulo. MSc. diss.

SOBRINHO JGC & LP QUEIROZ. 2005. Composição florística de um fragmento de Mata Atlântica na Serra da Jibóia, Santa

- Terezinha, Bahia, Brasil. **Sitientibus ser. Ci. Biol.** 5(1): 20-28.
- TABARELLI M, LP PINTO, JMC SILVA, MM HIROTA & LC BEDE. 2005. Desafios e oportunidades para a conservação da biodiversidade na Mata Atlântica brasileira. **Megadiversidade** 1(1): 132-138.
- TIBIRIÇA YJA, LFM COELHO & LC MOURA. 2006. Florística de lianas em um fragmento de Floresta Estacional Semidecidual, Parque Estadual de Vassununga, Santa Rita do Passa Quatro, SP **Acta Bot. Bras.** 20(2): 339-346.
- UDULUTSCH RG, MA ASSIS & DG PICCHI. 2004. Florística de trepadeiras numa Floresta Estacional Semidecídua, Rio Claro - Araras, estado de São Paulo, Brasil. **Rev. Bras. Bot.** 27(1): 125-134.
- VALENTE EB & KC PORTO. 2006. Hepáticas (Marchantiophyta) de um fragmento de Mata Atlântica na Serra da Jibóia, Município de Santa Teresinha, BA, Brasil. **Acta Bot. Bras.** 20(2): 433-441.
- VELOSO HP & L GOES-FILHO. 1982. **Fitogeografia brasileira, classificação fisionômico-ecológica da vegetação neotropical.** Bol. Téc. Projeto RADAMBRASIL. Série Vegetação N<sup>o</sup>1. Salvador: IBGE.
- WERNECK MS, G PEDRALLI, R KOENIG & LF GISEKE. 2000. Florística e estrutura de três trechos de uma Floresta Semidecídua na Estação Ecológica do Tripuí, Ouro Preto, MG. **Rev. Bras. Bot.** 23(1): 97-106.